

Avaliação dos contextos de atuação, atribuições e mercado profissional: opinião da população sobre a Psicologia e o Psicólogo

Evaluation of the contexts of performance, assignments, and professional market: the population's opinion on Psychologist and Psychology

*Isabel Cristina Vasconcelos Oliveira**

*Angela Christina Souza Menezes***

Resumo

Identificar como as pessoas percebem uma prática profissional possibilita o reconhecimento de seus aspectos positivos e debilidades, seja no processo de formação acadêmica, ou no próprio exercício da profissão. É nesse contexto que este estudo visa verificar a opinião da população sobre o profissional de Psicologia, principalmente quanto ao contexto de atuação, atribuições e mercado profissional. Para tanto, realizou-se um estudo descritivo, que analisou 102 respostas hospedadas em um sítio eletrônico na internet. Os resultados sugerem o reconhecimento de quatro contextos de atuação (clínica, organizacional, escolar e hospitalar), no entanto, com atribuições esperadas da prática clínica, por meio das categorias: facilita o autoconhecimento, cura, aumento da qualidade de vida, escuta e aconselhamento psicológico. Opiniões opostas quanto ao mercado de trabalho foram observadas: alguns percebem a Psicologia como um campo flexível e em crescimento, enquanto outros destacam a saturação do mercado e desvalorização do profissional.

Palavras-chave: *Psicologia; opinião pública; formação profissional; características do terapeuta.*

* Graduada e licenciada pela Universidade Federal da Paraíba/Brasil, e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil. É psicóloga do Ministério Público do Estado da Paraíba/Brasil. E-mail: oliveiraicv@gmail.com

** Graduada pelo Centro Universitário de João Pessoa/Brasil, e Especialista em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde pela Universidade Federal da Paraíba/Brasil. É psicóloga da Instituição Fale Consultoria e Conselheira do Conselho Regional de Psicologia da 13ª Região/Brasil. E-mail: acsmenezes@hotmail.com

Abstract

Identifying how people perceive a professional practice enables the recognition of their strengths and weaknesses, whether in the academic learning process, or in the exercise of the profession. In this context, this study aims to verify the population's opinion on the Psychology professional, mainly in the context of performance, assignments, and professional market. For this purpose, we conducted a descriptive study, which analyzed 102 responses hosted on an electronic site on the Internet. The results suggest mainly the recognition of four contexts of activity (clinic, organization, school, and hospital), however, with assignments expected in the clinical practice, expressed by the categories: facilitating the process of self-knowledge, healing, increased quality of life, listening and counseling. Opposing views on the labor market have been observed in this study: some perceive psychology as a flexible and growing field, while others emphasize the market saturation and profession devaluation.

Keywords: *Psychology; public opinion; professional education; therapist characteristics.*

INTRODUÇÃO

A Psicologia enquanto profissão foi regulamentada em 27 de agosto de 1962, por meio da Lei nº 4.119, há exatamente 50 (cinquenta) anos. A profissão de psicólogo é algo relativamente novo, diferentemente da Psicologia enquanto ciência, que, com a fundação do primeiro laboratório de Psicologia Experimental, no final do século XIX, teve o seu estopim do desenvolvimento científico (Castro, 1999).

Concomitantemente com a Psicologia científica, surge a história da atuação do psicólogo no Brasil, que, segundo Pessotti (1988) e Pereira e Neto (2003), é dividida em quatro períodos: (1) o pré-institucional ou profissional, final do século XIX, quando a Psicologia não era regulamentada; (2) o período institucional, de 1890 até 1934, que abarca da institucionalização da prática psicológica até a regulamentação da profissão e a criação dos seus dispositivos formais; o terceiro corresponde ao universitário, que foi marcado pelo funcionamento do primeiro curso de Psicologia, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo; e (4) o período profissional, a partir de 1962, momento este em que a profissão foi se organizando e estabelecendo instituições ligadas à Psicologia.

Nos primeiros anos de profissão regulamentada, o cenário encontrado foi o de poucos profissionais registrados e um pequeno número de instituições de ensino superior, que abrigavam os estudos psicológicos no Brasil. Do final da década de 1970 e com mais força na década de 1980, por meio da criação dos sindicatos em diversos estados, e, posteriormente, do chamado “sistema conselhos”, a participação política da categoria ganhou expressão (Yamamoto, 2007).

Ressalta-se o especialmente importante envolvimento dos psicólogos na década de oitenta no movimento da saúde, com participação ativa na luta antimanicomial, nas Conferências Nacionais de Saúde, que acabaram definindo algumas das condições para a inserção da categoria, de forma mais extensiva no campo público do bem-estar social. Ainda segundo Yamamoto (2007), a presença dos psicólogos no setor público foi fortalecida a partir desse período, por contingências do mercado e por definições de ordem político-profissional.

O conceito de profissão remete, essencialmente, a um tipo específico de trabalho especializado e teoricamente fundado (Freidson, 1996), que deve empenhar todos os esforços para ser reconhecida como fundamental pelo Estado e pela sociedade. Segundo Carvalho e Sampaio (1997), após a regulamentação, o Conselho Federal de Psicologia elaborou, em 1985, um documento para ser integrado ao Catálogo Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho, no qual se identificam as seguintes áreas de atuação: Psicólogo Clínico, Psicologia Hospitalar ou Psicologia da Saúde, Psicólogo do Trabalho (e não mais, portanto, psicólogo industrial ou industrialista), Psicólogo do Trânsito, Psicólogo Educacional, Psicólogo Jurídico (ainda sem as atividades típicas do que se está denominando Psicologia Militar), Psicólogo do Esporte, Psicólogo Social e Professor de Psicologia (nível de segundo grau e nível superior).

Pesquisas realizadas em 1994 e em 2001, pelo Conselho Federal de Psicologia, indicam que a profissão de Psicologia no Brasil continua sendo uma profissão feminina, jovem, mal-remunerada e atuante preferencialmente na área clínica, especificamente em consultórios. É importante

observar que, embora seja preferido pela maioria dos psicólogos, o mercado na área clínica se encontra saturado. Frente a isto, outras áreas de atuação vêm se expandindo (Pereira & Neto, 2003).

Segundo Yamamoto (2012), os dados de uma pesquisa realizada em 2010 são elucidativos, em diversos aspectos. Em primeiro lugar, a informação de que 67% dos psicólogos se vincula a apenas uma *área de atuação*. E que a área predominante é a Clínica, com 53% dos respondentes. A saúde absorve 27,9% dos psicólogos, seguida da área do trabalho e das organizações, com 25,1%, e da educacional, com 9,8%. Em segundo lugar, tomando as modalidades de inserção profissional dos psicólogos, o setor público é o que apresenta a maior concentração, com 40% da amostra. Seguem-se 35% no setor privado e surpreendentes 25% no *terceiro setor*.

Com a crescente demanda das áreas de atuação do profissional de Psicologia, surgem com ela as ansiedades sobre a formação do profissional que deverá atuar nesta área. Uma ampla discussão foi realizada entre a Comissão de Especialistas no Ensino da Psicologia, constituída pelo MEC/ SESU, a partir do Edital 04/97 (Moura, 1999), para definir as diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Psicologia, resultando numa convergência em torno de uma formação generalista que terá como objetivo formar psicólogos-cidadãos comprometidos com a realidade social, atuando enquanto agentes de transformação, na direção da construção de uma sociedade mais justa e democrática. Uma formação que propicie e favoreça a preparação de profissionais que reflitam e critiquem, amplamente, suas práticas.

A atuação dos psicólogos e das psicólogas em questões sociais propõe um paradigma ao trabalho “identificando claramente o papel do psicólogo na realidade brasileira”. Este é um dos fatores que contribuíram para o surgimento do conceito de Compromisso Social da Psicologia, isto é, uma prática comprometida com a realidade social do país. Nasce aqui uma ponte que liga a Psicologia às políticas públicas (CFP, 2011).

Os resultados de uma pesquisa nacional de 2010 demonstram que aproximadamente 40% dos psicólogos que participaram do estudo trabalham no campo das políticas sociais. Os setores nos quais os psicólogos têm

presença significativa são os da saúde pública e os da assistência social. Discorre-se sobre dois segmentos que têm um significado diverso no que diz respeito à discussão de alcance social (Yamamoto, 2012).

Considerando o percurso histórico da Psicologia no Brasil, os esforços dos órgãos regulamentadores da profissão no sentido de instituir diretrizes para a sua prática e as discussões sobre a formação do profissional, que, ainda que generalista, é esperada uma prática reflexiva, contextualiza-se o objetivo desta pesquisa, embasado na descrição da opinião e expectativas da população sobre este profissional. Ressalta-se que este não é um objetivo original, haja vista que diversas pesquisas foram realizadas com propósito equivalente (Borsezi et al., 2006; Filho, Oliveira & Lima, 2006; Leme, Bussab & Otta, 1989; More, Leiva & Tagliari, 2002), entretanto, a sua realização em ocasiões diferentes permite acompanhar como está se dando o estabelecimento da profissão.

Verificar, pois, como as pessoas percebem uma prática profissional se faz necessário em qualquer área de atuação, uma vez que possibilita o reconhecimento de aspectos positivos e de debilidades dessa prática, seja no seu processo de formação acadêmica, seja no próprio exercício dessa mesma prática e, ainda, na trajetória histórico-epistemológica de sua constituição enquanto disciplina.

Neste contexto, o presente estudo visa identificar a opinião da população sobre o profissional de Psicologia, apresentando as atitudes e crenças elaboradas deste profissional, visando especificamente: (1) observar em quais contextos de atuação os indivíduos acreditam que o psicólogo pode desempenhar as suas atividades, (2) descrever quais atribuições estão associadas ao trabalho do psicólogo e (3) verificar como é visto o mercado de trabalho desta área pela amostra.

MÉTODO

Para o alcance de tais objetivos, foram realizadas análises de conteúdo de respostas já hospedadas em um sítio eletrônico (*site*) na *internet*. Ou seja, não foi realizada uma coleta de dados ou construído um instrumento com tal finalidade. A partir de um site, nos quais os participantes podem

postar questionamentos para os demais expressarem as suas opiniões, foram selecionadas questões já publicadas voltadas para o profissional de Psicologia, tendo como critérios de inclusão na pesquisa aqueles questionamentos relacionados à opinião do psicólogo, contextos de atuação, atribuições e mercado de trabalho. Tal estudo apresenta um delineamento descritivo, segundo o que propõem Fernandes e Gomes (2003), uma vez que o seu objetivo está voltado para a apresentação e conhecimento das características deste fenômeno.

Foram contempladas 102 respostas advindas de 14 questionamentos hospedados no domínio eletrônico; nestes termos, conforme explicitado, não foi estabelecida uma relação direta com os participantes da pesquisa, uma vez que os dados utilizados já estavam hospedados publicamente no *World Wide Web*. Portanto, não se dispõe do perfil sociodemográfico dos respondentes ou se algum participante respondeu a mais de uma questão. Em relação às questões, formuladas pelos próprios participantes, encontram-se discriminadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Apresentação das questões obtidas em sítio eletrônico, bem como ano de elaboração e número de respostas alcançado pelas mesmas

Questões	Ano	f	%
1. O que você acha da psicologia e quais os impactos positivos e negativos que ela nos oferece?	2007	6	5,88
2. O que você acha da Psicologia?	2011	4	3,92
3. O que você acha da Profissão: Psicólogo?	2009	8	7,84
4. O que você acha que um psicólogo faz?	2008	9	8,82
5. O que você acha do profissional de Psicologia?	2008	7	6,86
6. O que você acha da psicologia como profissão? E como está o mercado para esta área atualmente?	2008	6	5,88
7. Testes admissionais aplicados pelos psicólogos - você acha que eles retratam a verdade?	2007	6	5,88
8. Você acha psicologia inútil, ou pelo contrário, muito útil?	2012	4	3,92
9. O que você acha de Psicologia?	2012	3	2,94
10. Você acha que o Psicólogo sabe de tudo sobre o ser humano?	2009	12	11,76
11. Você acha que a Psiquiatria e a Psicologia só devem ser usadas para doentes?	2010	4	3,92

12. Psicologia, o que você acha?	2009	6	5,88
13. Para ser Psicólogo você acha que a pessoa tem que ter vocação?	2008	20	19,61
14. Você acha que um psicólogo é capaz de dar um novo rumo para a sua vida?	2008	7	6,86
TOTAL	-	102	100,00

As respostas selecionadas foram interpretadas por meio da análise de conteúdo em função da sua similaridade semântica. A análise de conteúdo, segundo Cozby (2003), pode ser definida como uma análise sistemática de documentos existentes, que requer que os pesquisadores desenvolvam sistemas de categorização para quantificar informações nos documentos. Entretanto, seu objetivo não é apenas quantificar e, por este motivo, foram adotadas as considerações propostas por Caregnato e Mutti (2006), que propõem também uma forma qualitativa de analisar esses relatos. Tal formato considera a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo para, a partir dessa constatação, fazer inferências sobre a mesma. Nesta pesquisa, foram contempladas as etapas do processo de análise propostas pelas autoras: (a) a fase de organização dos dados, através de leituras flutuantes para familiarização com os dados; (b) codificação dos dados a partir de unidades de registros; (c) categorização e classificação dos elementos em função de suas semelhanças e diferenças.

Por fim, no que concerne aos aspectos éticos, considerando que a fonte dos dados não foram indivíduos que participaram diretamente do estudo, e sim dados disponibilizados publicamente no mundo virtual, foi avaliada a política de privacidade do site. Para publicarem informações (questionamentos e respostas) no sistema, é disponibilizado um termo de responsabilidade, que garante o anonimato dos dados pessoais dos participantes, bem como é reiterado que é de integral responsabilidade dos mesmos a decisão sobre as informações disponíveis no site. Nesta mesma direção, este estudo preservou o nome do sítio eletrônico, e a apresentação dos dados foi feita na forma dos dados agrupados, sem identificação das pessoas que tomaram parte (respostas anônimas).

RESULTADOS

Foram analisadas 102 respostas, elaboradas a partir de 14 questões (conforme apresentada na Tabela 1). A partir de tais análises, emergiram cinco categorias principais: (1) objeto de estudo, (2) contextos de atuação, (3) atribuições e papel do psicólogo, (4) aspectos e implicações negativas e (5) mercado e formação profissional.

Inicialmente, em relação à primeira categoria, verificou-se que as pessoas acreditam que a Psicologia estuda o (1) comportamento humano e os (2) processos mentais. A primeira subcategoria obteve um número maior de respostas com conteúdo voltado para o comportamento, sendo citados o estudo e análise do mesmo, bem como a necessidade de saber lidar e interpretar o comportamento do homem. Em relação aos processos mentais, estes foram citados como processos relacionais à cognição (p.ex. atenção, memória etc.) e questões internas dos seres humanos, sendo abordados temas como emoção e sentimentos. As frequências brutas e relativas obtidas em cada subcategoria estão apresentadas na Tabela 2, exemplificadas por falas dos próprios participantes.

Tabela 2 – Subtemas que emergiram a partir da categoria "objeto de estudo"

Subcategorias	f	%	Exemplos
Comportamento humano	6	75,0	"Os psicólogos estudam a ciência do comportamento humano"
Processos mentais	2	25,0	"É a ciência que estuda os processos mentais"

Quanto à segunda categoria, "contextos de atuação", nas quais emergiram as áreas mais conhecidas para desenvolvimento das atividades do Psicólogo, verificou-se que são a (1) clínica e a (2) organizacional. O contexto clínico foi evidenciado a partir das respostas voltadas para o atendimento individual e familiar em consultórios, enquanto o organizacional foi citado, sobretudo, nos setores de recursos humanos (RH) ou na análise das dimensões psicológicas em escritórios de publicidade.

Foi citada, em proporções equivalentes, a atuação do psicólogo nas (3) escolas e nos (4) hospitais, sem ser citado o enfoque da tal atuação. Em frequências menores, observou-se a possibilidade de desempenhar as suas atividades em (5) contexto acadêmico, seja por meio do ensino da Psicologia, ou realização de pesquisas; em (6) academias e com avaliação de rendimento de atletas; e (7) em contexto institucional, como instituições penitenciárias e centros de atendimento (ver Tabela 3).

Tabela 3 – Subtemas que emergiram a partir da categoria "contextos de atuação"

Subcategorias	f	%	Exemplos
Clínica	6	21,4	"Em consultórios"
Organizacional/ Empresas	6	21,4	"Pode trabalhar em grandes empresas (setor de RH)"
Escolar/ Educacional	4	14,3	"Em escolas"
Hospitais	4	14,3	"Em hospitais"
Pesquisa/docência	3	10,7	"Seguir a vida acadêmica com a Psicologia, ou seja, fazer pós-graduação e lecionar em Faculdade e/ou Universidade" ou "Com pesquisa"
Esporte/ Academias	3	10,7	"Em academias e com atletas (psicologia do esporte)"
Institucional	2	7,1	"Centros de atendimento a tóxico-dependentes"

A partir das respostas avaliadas, verificou-se o surgimento de uma categoria forte, nos quais foram apresentadas as atribuições e atividades desempenhadas pelos profissionais, sendo observado que a maioria das subcategorias apresenta um conteúdo similar, sendo esperado dos psicólogos comportamentos de ajuda. A subcategoria mais forte foi aquela que apontou o psicólogo como um (1) facilitador no processo de autoconhecimento, pelo qual é esperado que o profissional ajude o paciente/cliente a conhecer seus hábitos, atitudes e medos e a identificar seus problemas, ainda que o faça enxergar situações que não deseje.

Em perspectiva similar, constatou-se que a vontade das pessoas em ser (2) ouvida pelos psicólogos, subcategoria esta evidenciada por meio de relatos que destacam a necessidade do paciente em se abrir com

um profissional que não o repreenda e que inspire confiança. A terceira subcategoria também apresentou o desejo das pessoas em serem curadas, ou terem seus problemas solucionados pelo psicólogo.

Observou-se, ainda, que os indivíduos veem como atribuição (4) o aconselhamento psicológico, no sentido de promoverem orientações às pessoas que o procuram, podendo culminar na mudança de comportamentos e hábitos considerados problemáticos. Outra subcategoria que emergiu apontou que são esperadas, do psicólogo, sugestões para (5) aumento da qualidade de vida dos pacientes/clientes, ou seja, minimização do sofrimento daqueles que o procuram, ensinando-os a lidar com situações de vida, para alcançar um maior bem-estar. Da mesma forma, é esperado também do psicólogo que este seja capaz de (6) prevenir problemas ou doenças futuras, por meio da intervenção no presente.

Contraopondo-se a estes comportamentos de ajuda, emergiu a subcategoria (7) desestabilizar o paciente, segundo a qual o psicólogo tem o papel de confrontar o indivíduo e gerar uma confusão interna, a fim de que este reflita sobre seus problemas. Algumas ilustrações de tais respostas estão apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4 – Subtemas que emergiram a partir da categoria "atribuições e papel do psicólogo"

Subcategorias	f	%	Exemplos
Auxiliar no autoconhecimento	22	34,9	"a principal função de um psicólogo é fazer que o paciente se conheça, se aceite, se valorize e tenha condições para que ele próprio, resolva seus problemas" ou "é maravilhoso se abrir com uma pessoa que não dá para você conselho, e sim faz você encontrar dentro de você"
Ouvir as pessoas	10	15,9	"(...) para escutar pessoas com dificuldades de relacionamento"
Cura/ Solução	9	14,3	"Aprendi que o psicólogo tem a finalidade de encontrar, em quem o procura, a resposta para amenizar ou solucionar problemas, ou seja, o psicólogo encontra o caminho para que o indivíduo mude sua vida"
Orientar as pessoas	9	14,3	"Orientar o paciente a buscar o melhor caminho para resolvê-los"

Aumentar a qualidade de vida	5	7,9	"(...) para que as pessoas lidem melhor com situações de vida e alcancem um maior bem-estar"
Prevenção	4	6,3	"deveria ser usada em pessoas "normais" pra evitar doenças"
Desestabilizar o paciente	4	6,3	"Perguntas e perguntas que vai fazer você ficar mais confusa ainda com seus detalhes"

Na quarta categoria emergida, foi possível o agrupamento de respostas que ressaltaram os aspectos negativos da atuação do psicólogo. A primeira subcategoria, que obteve a maior parte das respostas, sugeriu uma falta de eficácia no trabalho desenvolvido pelo profissional, seja por acreditar que alguém externo à situação não é capaz de promover melhorias à mesma, seja por acreditar que o processo terapêutico embasado em diálogos não é suficiente para implicações positivas na vida do paciente, requerendo, portanto, intervenção medicamentosa. Foram observadas duas respostas que desacreditavam o trabalho do psicólogo: a primeira por já terem se submetido a intervenções anteriores, avaliadas pelos mesmos como ou sem sucesso ou por não terem conseguido a ajuda que julgavam necessária.

A segunda subcategoria voltou-se para os possibilidade de erros, em decorrência de o trabalho ser conduzido por um ser humano. A tal possibilidade foram atribuídas as razões: incompetência ou falta de conhecimento do profissional e o fato de que ele é ser humano e também apresenta desejos e anseios inerentes a qualquer homem. Houve, ainda, uma última subcategoria, que destacou a rotulação feita pelos profissionais, tendo como base manuais diagnósticos de doenças e psicopatologias, conforme ilustrado na Tabela 5.

**Tabela 5 – Subtemas que emergiram a partir da categoria
"aspectos e implicações negativas"**

Subcategorias	f	%	Exemplos
Falta de eficácia	7	53,8	"Porque ele não está dentro de nós e muitas vezes não tem o que precisamos para resolver nossas angústias"
Erro humano	5	38,5	"É que por trás da psicologia tem sempre um psicólogo, ou seja, um ser humano, que como qualquer outro ser humano pode errar (por incompetência ou falta de conhecimento)"
Rótulo dos seres humanos	1	7,7	"(...) Foca um tanto a psicopatologia, catalogando o indivíduo algumas nos CID's"

A quinta categoria, por fim, apresentou temas voltados para o processo de formação do psicólogo, assim como o seu estabelecimento profissional, tendo, por vezes, posicionamentos totalmente opostos. Inicialmente, verificou-se que os participantes acreditam que a vocação é essencial para o efetivo desempenho das atividades do psicólogo; ainda com relação à formação, foi destacada a dificuldade de instruir o profissional, não sendo explicitados os motivos de tal dificuldade.

Com relação ao mercado de atuação, foi sugerida uma desvalorização do psicólogo, tendo sido citadas, para tanto, a extensiva carga de trabalho e baixa remuneração. Também como fator negativo, emergiu uma subcategoria que propôs a saturação do mercado para esta profissão. Isto é, ainda que considerando certa flexibilização da mesma, pela quantidade de profissionais sendo formados a cada ano, torna-se difícil a inserção dos mesmos, sobretudo com bons salários. Ainda em relação ao panorama de atuação, emergiu uma subcategoria voltada para a dispensabilidade da Psicologia, principalmente por motivos financeiros; ou seja, como ela é inacessível financeiramente para a maioria da população, acaba por se tornar dispensável.

As subcategorias "maior flexibilidade profissional" e "crescimento no mercado" se opõem à visão anteriormente apresentada e ressaltam os diversos contextos de atuação do psicólogo, que, associados a uma maior divulgação da profissão, culminam em menor resistência da população e

ampliação do mercado. Por fim, emergiu a subcategoria “reconhecimento científico”, que destaca o progresso da Psicologia, principalmente por estar buscando respaldo científico no desenvolvimento dos seus trabalhos. Estas informações estão descritas na Tabela 6, com frequências de resposta correspondentes.

Tabela 6 – Subtemas que emergiram a partir da categoria “mercado e formação profissional”

Subcategorias	f	%	Exemplos
Vocação	20	50,0	"Eu gosto de Psicologia, mas penso que o retorno pessoal supera o retorno profissional, ou seja, você não faz Psicologia porque quer ser psicólogo... você (de certa forma) já é um psicólogo, por isso faz Psicologia."
Profissional mal remunerado/desvalorizado	7	17,5	"Exploram o profissional. Saiba desde já que terá que trabalhar muito e ganhar pouco"
Maior flexibilidade profissional	4	10,0	"Os contextos de trabalho dos psicólogos são bastante diversificados"
Dificuldade de formar o profissional	3	7,5	"O problema não está na psicologia, mas nos psicólogos e nas escolas e cursos de psicologia" ou "O ponto fraco e instruí-lo"
Mercado saturado	2	5,0	"É uma daquelas profissões que são consideradas 'saturadas', isto é, o mercado de trabalho e as faculdades estão abarrotados de pessoas e mesmo sendo profissões flexíveis, começa a ficar difícil a absorção e os bons salários"
Crescimento no mercado	2	5,0	"Acredito que futuramente a Psicologia ganhará maior destaque, principalmente porque haverá menos resistência e preconceito da sociedade"
Reconhecimento científico	1	2,5	"A Psicologia tem apresentado um progresso enorme, como ramo da ciência, e as atuações, hoje, guardam o amparo da comprovação científica"
Inacessível financeiramente	1	2,5	"Pena que ela seja tão dispensável exatamente pelas pessoas não conhecê-la e por esta se fazer inacessível às pessoas, principalmente por questões financeiras"

DISCUSSÃO

Considerando o que preconizam Caregnato e Mutti (2006), sobre a análise qualitativa das respostas, serão apresentadas as discussões das categorias que emergiram independentemente do seu percentual de respostas; estando esta seção voltada, portanto, para a análise do conteúdo das mesmas.

A primeira categoria emergida contemplou o objeto de estudo da Psicologia e verificou uma concentração das respostas sobre o comportamento humano e os processos mentais. Tais achados são compreensíveis se traçado o percurso histórico da Psicologia e ponderados os períodos de predomínio das teorias Behaviorista e Cognitivista (Davidoff, 2001), ou também, da teoria psicanalítica e o estudo do inconsciente. Com tema semelhante ao observado neste estudo, More et al. (2002) verificaram em suas pesquisas uma separação entre corpo e mente, sendo destacados ou o estudo do comportamento das pessoas ou o nível mental e psicológico. Borsezi et al. (2006), em pesquisa investigando a representação social da Psicologia, constataram dificuldades em definir o seu objeto de estudo. Para tanto, os autores respaldaram que este fato pode ser atribuído à natureza e complexidade da ciência psicológica e à dificuldade daquela de se firmar como alternativa ao discurso médico, religioso e de autoajuda.

Os contextos de atuação, segunda categoria que emergiu nos resultados, apontaram uma visão mais restrita, e até estereotipada, contemplando principalmente aquelas com maior “tradição”, como a clínica, organizacional, escolar e hospitalar, ainda que o catálogo brasileiro de ocupações considere uma série de outros contextos de atuação (apresentados na Introdução). Neste mesmo âmbito, em pesquisa realizada no Estado do Rio Grande do Norte, foi verificado que, do total de profissionais entrevistados, em torno de 50% desempenham as suas atividades no contexto clínico (Castro & Yamamoto, 1998), ao passo que as outras áreas citadas foram do trabalho e escolar, com percentuais em torno dos 20 e 7%.

Carvalho & Sampaio (1997) já apresentaram esta discussão, articulando-a com a formação profissional: os cursos voltam-se principalmente para o conhecimento genérico em temas psicológicos, a fim de culminar no

desenvolvimento de habilidades úteis para qualquer área de atuação. No entanto, estes próprios autores ressaltam que os cursos elencam disciplinas dos contextos que, até aquele momento, são tidos como principais: clínico, trabalho, escolar e social. Embora tal discussão tenha sido apresentada há 15 anos, observa-se uma predominância destas áreas nas respostas selecionadas para este estudo.

Ainda que citados outros contextos, é esperado do psicólogo uma atuação pertinente àquele contexto? Ousando uma resposta a este questionamento, faz-se menção ao contexto organizacional, que, em geral, é a segunda área de escolha de exercício profissional (Bastos, Morais, Santos & Faria, 2005). Segundo estes autores, existe uma ideia muito forte de que o trabalho do psicólogo nas organizações muitas vezes se restringe ao recrutamento e seleção dos funcionários e à conciliação empresa/empregado, constituindo, desta forma, uma visão limitada. Tal visão dificulta a implantação de políticas voltadas para o desenvolvimento dos recursos humanos, que considerem os funcionários a partir de uma visão macro.

Ainda relacionado ao questionamento, e quanto à terceira categoria, as atribuições esperadas do psicólogo estão voltadas para comportamentos de ajuda desempenhados pelo mesmo, se concentrando no processo de escuta e aconselhamento psicológico e atuando como facilitador para autoconhecimento e promoção da qualidade de vida dos pacientes. Em consonância com os resultados desta pesquisa, Herzberg e Chammas (2009), em estudo que mapeou as expectativas de pacientes que procuraram atendimento psicológico, identificaram frequentemente a ocorrência de pedidos (implícitos ou explícitos) por ajuda e orientação pontual, sobretudo em relação a questões internas.

Leme et al. (1989) realizaram uma pesquisa sobre a representação do psicólogo, entre os anos de 1976 e 1984, e verificaram pontos comuns aos encontrados nesta pesquisa: profissional que eminentemente atua na área clínica e que tem como papel esperado o de solucionar os problemas. Cita-se, ainda, a pesquisa conduzida por Borsezi et al. (2006), que identificou que metade da sua amostra vê o psicólogo como um orientador, conselheiro, que

entende o ser humano e tenta ajudar. Pautada na recorrência e força desta concepção, Praça e Novaes (2004) tecem ressalvas sobre a função assistencialista da Psicologia e o seu “poder” de ajudar incondicionalmente o outro.

Tais achados sugerem certa preocupação no sentido destas corresponderem a atividades principalmente da área clínica. Tal preocupação é maximizada se consideradas as áreas citadas na segunda categoria, sugerindo, portanto, que, ainda que reconhecidos outros contextos de atuação, são esperadas do psicólogo as atividades de natureza clínica, como a escuta, orientação e aconselhamento psicológico.

Esta visão atrelada ao contexto clínico acaba por prejudicar a atuação do psicólogo nos demais contextos. Por exemplo, o modelo clínico de atuação não tem apresentado a mesma eficácia quando transposto para situações institucionais, uma vez que a procura por tais serviços é, em geral, via encaminhamento de outros profissionais e a escuta psicológica não tem repercussão no seu contexto educacional e cultural (More et al., 2002).

Boarini (2007) e Carvalho e Sampaio (1997) ressaltam elementos que auxiliam a compreensão da forma com que foi estabelecida a profissão de psicólogo no Brasil. A primeira autora destaca que, após a regulamentação da profissão, vivenciou-se o rebatimento de duas guerras mundiais e o período de ditadura militar. Portanto, desenvolve-se uma prática voltada para a atuação liberal e privada, com instrumental técnico e teórico privilegiando o indivíduo e sua particularidade. E complementando esta perspectiva, Carvalho e Sampaio (1997) argumentam que, à medida que se constitui uma representação de Psicologia em torno da área clínica, esta acaba sendo melhor constituída dentro das instituições de ensino, e acaba atraindo a maioria dos alunos para a formação clínica.

Retomando os resultados encontrados nesta pesquisa, verificou-se o surgimento de uma categoria voltada para uma representação negativa da profissão, argumentando, para tanto, que ela não é eficaz ou está fundamentada em elementos que auxiliam o paciente. Em uma das respostas, por exemplo, o paciente sugeriu que fez tentativas sem sucesso no processo terapêutico.

Deduz, portanto, que a generalização do insucesso no processo terapêutico vivenciada por um paciente pode acabar por desacreditar

toda a categoria; entretanto, não temos elementos para especular se este insucesso foi por má condução profissional ou por expectativas elaboradas pelo paciente/cliente de forma superestimada. Como ilustração, cita-se que, neste mesmo estudo, foram observadas altas expectativas quanto ao processo terapêutico, vendo o profissional como aquele que detém a cura e a solução para os problemas. Idealizar a conduta do profissional, depositando neste atribuições aquém do seu papel real pode frustrar o paciente e fazê-lo abandonar o processo psicoterapêutico por não ter conseguido soluções imediatas prontas e, a partir de tal frustração, não por incompetência do profissional, mas por expectativas não correspondentes com a realidade, desacreditar toda uma classe profissional.

Leme et al. (2009) também verificaram algumas imagens negativas associadas ao psicólogo. Inicialmente apontam-no como desprovido de competência profissional, ou como desnecessário, uma vez que apenas uma pequena parte da população acaba por precisar dos seus serviços. Ainda foi destacado em tal estudo que este não possui função eficaz para a sociedade, sendo visto por vezes com descrédito, preconceito e até desprezo. Outro estudo (Borsezi et al., 2006) verificou que as pessoas procuram o psicólogo, o médico ou a religião frente a um problema ou conflito em percentuais equivalentes, sugerindo, assim, que alcançariam os mesmos benefícios de uma situação terapêutica praticando uma religião.

A categoria “Mercado e formação profissional” apresentou opiniões divergentes: existiram aqueles que viram na Psicologia um mercado de atuação flexível e em crescimento, principalmente se considerados contextos de atuação e expectativas de redução de preconceito e visão estereotipada da Psicologia, no sentido de ser ampliada a sua procura. Enquanto outros destacaram a desvalorização do profissional e saturação do mercado de trabalho. Ainda que aparentemente contraditórias estas perspectivas são compreensíveis se considerarmos o proposto por Pereira e Neto (2003). Os autores destacam a expansão de outras áreas de atuação dentro da Psicologia, bem como a saturação do mercado na área clínica, ainda que preferida pela maioria dos psicólogos.

Constatou-se também uma subcategoria voltada para a dificuldade de se formar o profissional: tem-se uma formação generalista, com uma

multiplicidade de teorias e técnicas a serem contempladas numa carga horária já estabelecida. Neste sentido, Boarini (2007) destaca a formação tecnicista dada aos profissionais com vistas a atender às necessidades do mercado, dificultando o desenvolvimento de um pensamento reflexivo que articule o como-fazer ao por que-fazer. Gondim (2002), em visão equivalente e em estudo realizado com estudantes, verificou que não há clara definição do perfil profissional exigido no mercado de trabalho, o que prejudica a elaboração de planos futuros mais definidos e dedicação a e especialização em determinada área.

Ainda quanto à formação profissional, uma categoria que emergiu com bastante força sugeriu a necessidade de vocação para exercício da profissão. Bettoi e Simão (2000) encontraram resultados similares em estudantes de Psicologia. Os autores verificaram que os alunos concebem que os atributos pessoais do profissional se sobressaem em relação a outras características, como a ação profissional propriamente dita.

Quanto ao estudo de forma geral e limitações desta pesquisa, cita-se a impossibilidade de identificar os seus participantes, uma vez que as respostas elaboradas pelos mesmos estavam publicadas em sítio eletrônico, sem a apresentação de seus dados sociodemográficos. No entanto, acredita-se que a falta destas informações não invalida o teor das categorias aqui apresentadas; os participantes “ficaram livres” para apresentarem as respostas que achassem mais representativas para as questões, portanto, as categorias mais fortes que surgiram, deduz-se, são aquelas que constituem uma representação elaborada para a profissão, ainda mais se considerados os demais estudos com resultados equivalentes.

CONCLUSÕES

A partir do exposto nos resultados e na discussão deste estudo, verifica-se que estes achados estão em conformidade com aqueles encontrados em pesquisas realizadas há 20 anos, indicando que a profissão de Psicologia no Brasil continua atuante preferencialmente na área clínica, por meio de uma atuação individualista e liberal. Ou melhor, que esta visão está incutida na opinião das pessoas sobre a profissão, principalmente se considerarmos

as pesquisas ressaltadas por Pereira e Neto (2003) em diferentes momentos (anos de 1988, 1994 e 2001), cujos resultados apontam na mesma direção. Estes são, de certa forma, compreensíveis, pela relação entre o percurso da profissão e os seus condicionantes históricos e sociais.

Entretanto, pode-se sugerir pouco avanço da profissão e do profissional da Psicologia diante do olhar da sociedade, principalmente no que diz respeito a outras áreas de atuação, as quais vêm se expandindo, como a Psicologia jurídica, do esporte, hospitalar e nos serviços da área de saúde mental.

A diversidade de categorias e temas que estas evocam não permite uma discussão mais aprofundada da profissão e tudo o que perpassa a ciência psicológica; contudo, o objetivo deste artigo foi alcançado, e opiniões das pessoas sobre o psicólogo e a Psicologia foram analisadas e poderão servir de base para reflexões da atuação do profissional, da imagem que se passa e a de que se pretende passar para a sociedade. Espera-se, portanto, que reflexões sejam disparadas de uma Psicologia para além das quatro paredes, indo ao encontro da valorização que a sociedade reconhece e buscando a valorização da profissão no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- Bastos, A. V. B.; Morais, J. H. M.; Santos, M. V. e Faria, I. (2005). A imagem da Psicologia organizacional e do trabalho entre estudantes de Psicologia: o impacto de uma experiência acadêmica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(3), 352-369.
- Betto, W. e Simão, L. M. (2000). Profissionais para si ou para outros? Algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20(2), 20-31.
- Boarini, M. L. (2007). A formação do psicólogo. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 443-444.
- Borsezi, C. S.; Bortolomasi, E.; Guimarães, J. L.; Liboni, R. G.; Reis, M. F. e Tamanaha, H. Y. (2006). Representação social da Psicologia e do Psicólogo sob o olhar da comunidade de Assis/SP – Brasil. *Revista de Psicologia da UNESP*, 5(1), 59-68.

- Caregnato, R. C. A. e Mutti, R. (2006). Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 15(4), 679-684.
- Carvalho, M. T. M. e Sampaio J. R. (1997). A formação do psicólogo e as áreas emergentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(1), 14-19.
- Castro, P. F. (1999). Reflexões em psicologia e ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(1), 3-13.
- Castro, A. E. F. e Yamamoto, O. H. (1998). A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. *Estudos de Psicologia*, 3(1), 147-158.
- Conselho Federal de Psicologia, CFP (2011). *Senhoras e senhores gestores da Saúde: Como a Psicologia pode contribuir para o avanço do SUS* (1ª Edição). Disponível em formato digital no endereço eletrônico: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/07/conasems_crepop_v41.pdf>.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em Ciências do Comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Davidoff, L. (2001). *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Makron Books.
- Fernandes, L. A. e Gomes, J. M. M. (2003). Relatórios de pesquisa nas ciências sociais: características e modalidades de investigação. *ConTexto*, 3(4), 1-23.
- Filho, M. L. S.; Oliveira, J. S. C. e Lima, L. F. A. (2006). Como as pessoas percebem o psicólogo: um estudo exploratório. *Paidéia*, 16(34), 253-261.
- Gondim, S. M. G (2002). Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 299-309.
- Herzberg, E. e Chammas, D. (2009). Triagem estendida: serviço oferecido por uma clínica-escola de Psicologia. *Paidéia*, 19(42), 107-114.
- Leme, M. A. V. S.; Bussab, V. S. R. e Otta, E. (1989). A representação social da Psicologia e do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 29-35.

- More, C. O. O.; Leiva, A. C. e Tagliari, L. V. (2002). A representação social do psicólogo e de sua prática no espaço público-comunitário. *Paidéia*, 11(20), 85-98.
- Moura, E. P. G. (1999). A psicologia (e os psicólogos) que temos e a psicologia que queremos: Reflexões a partir das Propostas de Diretrizes Curriculares (MEC/SESU) para os Cursos de Graduação em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19(2), 10-19.
- Pereira, F. M. e Neto, A. P. (2003). O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de Profissionalização. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 19-27.
- Pessotti, I. (1988). Notas para uma história da psicologia brasileira. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp. 17-31). São Paulo: Edicon.
- Praça, K. B. D. e Novaes, H. G. V. (2004). A representação social do trabalho do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(2), 32-47.
- Yamamoto, O. H. (2007). Políticas sociais, 'terceiro setor' e 'compromisso social': perspectivas e limites do trabalho do Psicólogo. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 30-37.
- Yamamoto, O. H. (2012). 50 Anos de Profissão: Responsabilidade Social ou Projeto Ético-Político? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32 (num. Esp.), 6-17.